



DESAFIOS DO REGRESSO AO AMBIENTE ESCOLAR NA VIDA ADULTA: ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES DO EJA

Alekssandeson José Martins da Silva¹
E-mail: bartetoic@hotmail.com

Cássia Emanuele Correia de Melo²
cassiaemanuelle17@gmail.com

Emanoel Feliciano Alves de Souza³
emanoelfases@gmail.com

Silvana do Rosário Menino Costa⁴
silvanamenino@hotmail.com

RESUMO: O estudo em questão trata das vivências da disciplina de Estágio Supervisionado Básico II em Psicologia motivado pela Prof. Silvana do Rosário Menino Costa, a turma foi fragmentada em grupos para que assim houvesse um aprofundamento nos temas propostos, em até 6 encontros em uma determinada instituição escolhida por cada grupo. Trata-se de uma pesquisa-ação, onde a intervenção via grupo operativo visa investigar a problemática de do regresso ao ambiente escolar na vida adulta. Jovens e adultos na faixa etária de 18 a 40 anos, inseridos numa turma da última fase do ensino médio do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) da Escola de Referência em Ensino Médio Othon Paraíso, localizada no bairro da Mustardinha no município do Recife – PE, formam o público alvo desse estudo. Foram construídos 6 encontros com esse público, baseados na teoria de grupo operativo desenvolvida por Pichon-Rivière, onde tornou-se possível observar como essa teoria auxiliou em identificar os processos que envolvem a problemática do tema do estudo.

Palavras-Chave: EJA; grupo operativo; escola.

ABSTRACT: The study in question deals with the experiences of the discipline of Basic Supervised Internship II in Psychology motivated by Teacher, Silvana do Rosário Menino Costa, the class was divided into groups so that there could be a deepening in the proposed themes, in up to 6 meetings in a specific institution chosen by each group. This is an action research, where intervention via the operative group aims to investigate the problem of returning to the school environment in adulthood. Young people and adults in the age group of 18 to 40 years old, inserted in a class of the last phase of the high school of EJA (Teaching of Youth and Adults) of the School of Reference in High School Othon Paraíso, located in the district of Mustardinha in the city of Recife - PE, form the target audience of this study. Six meetings were built with this audience, based on the theory of the operative group developed by Pichon-Rivière, where it became possible to observe how this theory helped to identify the processes that involve the problem of the study theme.

Keywords: EJA; operative group; school.

^{1,2,3}Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Estácio do Recife.

⁴Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio do Recife.



1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada a educandos jovens e adultos que não puderam concluir seus estudos na idade adequada. O curso é ofertado em três etapas, sendo: Fase I - corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino Regular (séries iniciais do Ensino Fundamental); Fase II - corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Regular (séries finais do Ensino Fundamental) Ensino Médio.

Sabe-se que a maior parte dos alunos da Educação de Jovens e Adultos possuem muitos desafios, a partir do momento que decidem retornar ou iniciar sua jornada na vida escolar. Desafios que existem porque, em cada vida há uma história, que pretende ser transformada e que se quer alcançar, de alguma forma, aquilo que ficou para trás, no tempo, e agora tem a intenção de se concretizar, tornar real.

O profissional da educação, ao optar pela EJA, precisa ter a consciência de que os seus alunos esperam conquistar espaços que muitas vezes lhes foram negados pela falta de escolarização, da construção dos saberes eruditos, vivemos numa sociedade globalizada, altamente tecnológica que aponta para sucessivas mudanças e para a construção de um novo tempo que, por sua vez, exige a construção de novos paradigmas educacionais” (FEITOSA, 1999, p.17).

Porém, essa educação não se constitui de forma mecânica, sistemática, uma vez que esses alunos têm “sede” de adentrar nesse mundo do letramento. Eles querem ter consciência crítica do que acontece a sua volta e já forma moldados pelas experiências de vida que possuem. Dessa forma, percebe-se que o profissional não vai construir um saber, ele vai reconstruir um saber a partir das vivências dos seus educandos, se atentando para as perspectivas dos mesmos. Não é possível ignorar os sonhos, as aspirações que os levaram as salas de aula.

Historicamente, observa-se a luta para que todas as pessoas tivessem acesso a uma educação de qualidade, e o que se vê atualmente, apesar de tantos esforços é que o índice de analfabetismo ainda persiste. De acordo com o censo de 2010 do IBGE, cerca de 9% da população brasileira não sabia ler e escrever. E sabe-se que o censo não consegue atingir todos os brasileiros. Se a educação inclui, a falta dela é motivo de exclusão.

A sociedade, para ser justa precisa ser inclusiva, e o papel da escola é inserir aqueles que foram colocados, por diversos motivos, para fora do mundo educacional. Embora, este trabalho, tenha como elemento principal a relação professor-aluno, faz-se necessário incluir todos os funcionários da escola, como agentes transformadores, para que haja um bom desenvolvimento desses indivíduos em sua trajetória escolar.

É importante ressaltar a teoria que fundamenta a intervenção, a base da pesquisa em questão. A técnica de grupo operativo consiste em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações. Segundo Pichon-Rivière (1991), o grupo operativo assemelha-se ao funcionamento do grupo familiar, como também propõe Zimerman (2000, p. 157) e pode ser definido como um “conjunto de pessoas reunidas por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, implícita ou explicitamente, uma tarefa que constitui sua finalidade”.

Um dos objetivos da técnica dos grupos operativos, como sinaliza Pichon-Rivière (1991) é o de auxiliar na minimização dos medos básicos e o de favorecer o



rompimento dos estereótipos que funcionam como barreira à mudança. “A tarefa na terapia de grupo é se envolver em uma comunicação significativa com os outros membros do grupo, revelar-se, dar feedback válido e examinar os aspectos ocultos e inconscientes dos próprios sentimentos, comportamentos e motivação” (YALOM, 2006, p. 197).

Um Grupo Operativo tem por objetivo proporcionar aos seus participantes um espaço que o auxilie no processo de aprendizagem, seja ela de qualquer natureza, em um movimento de desestruturação, estruturação e reestruturação (BASTOS, 2010). A técnica de grupos operativos pressupõe uma tarefa explícita, podendo ser um tratamento ou aprendizagem; uma implícita, que é a maneira como cada integrante do grupo irá vivenciar o grupo; e o enquadre, que é composto por elementos fixos, como o tempo, a duração das sessões, a frequência dos encontros, local, o papel exercido pelo coordenador, observador, e participantes do grupo (BASTOS, 2010).

Um Grupo Operativo possui, basicamente, três momentos, sendo eles: a pré-tarefa, tarefa e projeto. A pré-tarefa, que é caracterizada pela resistência a inicialização da tarefa, isso porque o desconhecido produz medos e insegurança. A tarefa é basicamente o momento em que o grupo consegue elaborar os medos e ansiedades provocados pelo novo e se engajar no processo de mudança, e assim, consegue surgir o projeto, momento de planejamento e execução dos objetivos iniciais (ZIMERMAN; OSORIO, 1997).

A Escola de Referência em Ensino Médio Othon Paraíso, localizada no bairro da Mustardinha no município do Recife – PE, foi o local escolhido para as intervenções deste estudo. Sendo o público-alvo: jovens e adultos na faixa etária de 18 a 40 anos, numa turma da última fase do ensino médio do EJA (Ensino de Jovens e Adultos).

O presente trabalho teve como objetivo principal foi identificar os percalços da realidade do público alvo ao retornarem, ou em continuarem a vida escolar.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa ação de caráter qualitativo, desenvolvida no curso de psicologia do Centro Universitário Estácio do Recife na disciplina de Estágio Básico Supervisionado Básico II, ministrada pela Prof.^a M.^a Silvana do Rosário Menino Costa.

A intervenção foi realizada numa turma da última fase do ensino médio do EJA (Ensino de Jovens e Adultos), na Escola de Referência em Ensino Médio Othon Paraíso, localizada no bairro da Mustardinha no município do Recife – PE. A turma em questão contava com 23 alunos matriculados, e 12 participaram de forma voluntária do estudo, o público participante apresentava idade entre 18 a 40 anos. O critério para a escolha da turma se baseou: na faixa etária da turma; turno das aulas; o fato de ser uma turma do programa EJA. Onde durante a intervenção 8 relataram serem regressos a vida escolar, e 7 falaram ter a rotina dupla entre um trabalho remunerado e o estudo.

O estudo foi feito com base na teoria de grupo operativo, suporte técnico para a intervenção. Foram realizados 6 encontros com a turma, em cada encontro foram realizadas técnicas que buscassem responder o objetivo da pesquisa, além da identificação dos agentes da prática do grupo operativo.

Inicialmente houve uma apresentação entre pesquisadores e participantes, onde a proposta foi apresentada a turma, seguido pelo momento de convite para participar da intervenção, a proposta foi aceita pelos estudantes. Não havia participação de todos alunos matriculados, esse motivo era explicado pelo fato não existir presença assídua da turma nas aulas. A intervenção foi desenvolvida num período correspondente a 3



semanas, eram 2 encontros semanais desenvolvidos em horários que a turma não tinha aula.

Assim seguia a estrutura dos encontros: Objetivo do encontro; técnica de abertura; técnica de desenvolvimento e técnica de fechamento. A intervenção durava entre 40 e 45 minutos, os pesquisadores alternavam-se nas funções de facilitador, coordenador e observador (funções para entender o processo de um grupo operativo). A finalidade das tarefas era observar como a turma se comportava, e apresentava os elementos participantes de um grupo operativo.

Então foi visto como os papéis assumidos pelos participantes de um grupo operativo influenciam no andamento do processo, o surgimento do: sabotador e do bode expiatório (papéis disfuncionais); do líder e do porta-voz (papéis funcionais). Aliando este fato as reflexões propostas pelos encontros, a primeira intervenção serviu para entender o contexto social da turma e a partir disto traçar encontros que levassem em consideração o perfil dos participantes. Cada encontro tinha o objetivo de buscar refletir os desafios em regressar a vida escolar na fase adulta, usando o grupo operativo para essa reflexão.

3 RESULTADOS

Durante o processo de configuração e planejamento houve dificuldade em encontrar uma escola para a intervenção, este fato também culminou na alteração dos objetivos do projeto. De certa forma, antes do início dos encontros, ocorria um planejamento prévio sobre possíveis imprevistos com a intervenção.

O objetivo principal foi trabalhar os percalços da realidade do público alvo ao retornarem, ou em continuarem a vida escolar. Se observou que era emergente a importância desse ponto para público alvo, houve uma aceitação da proposta, uma identificação natural com o tema. A cada encontro uma nova descoberta e sentimento de pertencimento por parte do público alvo em relação ao que era ofertado pela intervenção, houve um êxito quanto a escolha do objetivo.

Mesmo sendo um tema tocante a realidade dessas pessoas, o início da intervenção foi marcado por uma resistência a participar, uma dispersão. A rotina da instituição também não favoreceu ao andamento do projeto, ocorre que pelo desgaste e realidade dos discentes e docentes, apresentava acúmulo de falta de professores, e a evasão escolar. Era nítido que mesmo estando no último ano do ensino médio, o público alvo não reconhecia todo tempo de estudo para estar ali, uma repulsa a escola acompanhada do comportamento (verbalizado) de apenas querer terminar o ensino médio, isso justificava a dispersão.

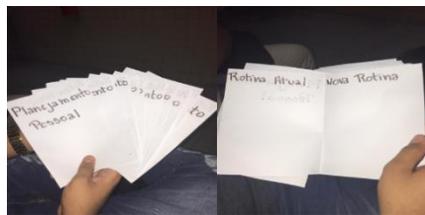
Com o avanço da intervenção, o grupo de pesquisa percebeu que os encontros precisavam de alteração, a relação com o público alvo estava dispersa, descompromissada. Procurou-se adequar as técnicas a realidade deles, isso aconteceu depois de dois encontros, onde viu-se que técnicas que exigiam mais movimentos físicos, que incitavam a agitação eram incitadoras para a dispersão do grupo. Aqui se observou que o interesse por parte do público alvo no que tange as questões de formação educacional e profissional existe, mas não prevalecia motivação para isto, não havia apoio para descobrir.



Esse novo fator identificado depois do terceiro encontro, causou comoção no estudo, foi encontrado o ponto central do problema, apresentado ao público alvo, eles se reconheceram como detentores da sua própria mudança. A intervenção se tornou cativante, um descobrimento coletivo, e motivador o saber que o público foi facilitador disso. Considerando todo o contexto que os participantes se inserem, onde a maioria trabalha e estuda, além da rotina doméstica, foi interessante saber que os encontros se encaixaram nisto, foram encontros com técnicas condizentes ao dia-a-dia deles.

O fim da intervenção trouxe para os participantes voluntários momentos de reflexão sobre suas vidas como discentes, tornou perceptível que eles podiam planejar e serem agentes atuantes de seu futuro profissional. Exemplo disso foi o desenvolvimento da dinâmica “concretização dos sonhos” realizada no 5º encontro, vista nas Figuras 2 e 3.

Figuras 1: Cartão usado como planejamento pessoal na “concretização dos sonhos”.



Fonte: Próprio Autor (2020)

4 CONCLUSÕES

Durante os encontros pode-se observar na prática a aplicação da teoria de grupo, dos processos grupais. Havia participantes do público alvo que incitavam ao fracasso dos encontros, esses sabotadores desmotivavam outros participantes, como também se identificou líderes que ajudavam na harmonia e evolução dos encontros. Era recorrente o processo de imitação e sentimento de pertencimento a algo, de seguir isto de forma automática. E os subgrupos desse grande grupo agiam de maneiras diferentes, mas o intuito era sempre o mesmo, o pertencimento.

Essa intervenção trouxe com êxito o conhecimento de como naturalmente o ser social é propenso a grupos, de como há realidade distintas e iguais ao mesmo tempo. As aulas ministradas na disciplina Estágio Supervisionado Básico II foi de grande importância neste processo, a intervenção concretizou, fixou o aprendizado. Pode-se dizer também que a resposta dada pelo público alvo foi a culminância da disciplina.

5 REFERÊNCIAS

BASTOS, A. B. B. **Interações e desenvolvimento no contexto social da creche à luz de Henri Wallon**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire – Princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1999.

FERREIRA, S. L.; FERREIRA, D. M.; SILVA, S. A. **A expectativa dos alunos da EJA com relação à educação para o trabalho**. Recife. Universidade Federal do Pernambuco, 2011.



OLIVEIRA, M. P. **EJA uma perspectiva educacional sobre jovens e adultos.** Disponível em: <http://educacaoeinclusao.blogspot.com.br/2008/11/eja-uma-perspectiva-educacional-sobre.html>. Acessado em 01 out. 2019.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RIBEIRO, J. B. **As estratégias de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos.** Pouso Alegre. Universidade do Vale do Sapucaí, 2014.

ALOM, I. D.; YALOM, M. L. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática.** Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 5. ed. Porto Alegre: Artemed, 2006.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª edição, 2000.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C. e colaboradores. **Como Trabalhamos com Grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.